

## SIMÓN BOLÍVAR E O BRASIL

*José Carlos Brandi Aleixo*

No dia 24 de julho de 1983 transcorreu o segundo centenário do nascimento de Simón Bolívar. Com uma existência de apenas quarenta e sete anos ocupou lugar de destaque não só na sua pátria, Venezuela, mas também na história universal. O cenário de sua ação política e militar, em vinte anos de vida pública, abrangeu cerca de seis milhões de quilômetros quadrados. Assumiu o encargo não só de por termo a mais de três séculos de dominação espanhola no Novo Mundo mas também de criar uma nova ordem internacional em meio a toda sorte de adversidades. Está ele dentro da categoria dos homens que fizeram época. (1)

É extraordinária a vivência internacional de Bolívar. Empreendeu ele sua primeira viagem ao exterior em 1799. Visitou numerosos países ou territórios da América e da Europa. São exemplos: Bolívia, Colômbia, Cuba, Equador, Estados Unidos, Haiti, Jamaica, Peru, Alemanha, Espanha, França, Grã-Bretanha, Itália e Portugal. Ocupou a presidência da Grã-Colômbia (Venezuela, Colômbia, Equador e Panamá), do Peru e da Bolívia. Mas o raio de ação do Libertador chegou a muitos outros países. Este trabalho limitar-se-á ao estudo das relações entre Simón Bolívar e o Brasil.

### II – Relações entre Bolívar e o Governo do Brasil

A leitura da correspondência de Simón Bolívar mostra a evolução de seu pensamento em relação a Dom Pedro I e ao Brasil. Progressa ele do desconhecimento, e mesmo de certa animosidade até à compreensão cordial e amiga. (2) Há naturalmente explicação para isto e constitui uma das muitas qualidades ímpares de Bolívar saber mudar de sentença à luz do melhor conhecimento dos fatos e de fatos novos: "Sapientis est mutare consilium".

Dom Pedro I do Brasil estava ligado por vínculos de parentesco com governantes absolutistas. Sua mãe Carlota Joaquina era irmã do rei espanhol Fernando VII contra quem pugnava Bolívar. Sua primeira esposa a inteligente Leopoldina de Habsburgo era filha de Francisco I, imperador da Áustria. Bolívar temeu que o Rio de Janeiro viesse a colaborar com os desígnios da Santa Aliança. Apoiava esta as tentativas de Madri no sentido de manter ou recolocar sob seu domínio a América de língua espanhola.

É importante ter em conta as dificuldades de comunicações nas três primeiras décadas do século XIX. Caracas dista mais de seis mil quilômetros do Rio de Janeiro onde se encontrava a Corte imperial. Só havia contacto por cartas ou mensagens orais. Uma viagem do Rio de Janeiro à fronteira entre Mato Grosso e Bolívia exigia mais de sessenta dias. Fácil é entender como poderiam chegar a Bolívar incompletas, simplificadas e até incorretas as informações sobre os acontecimentos da corte de São Cristovão, das lutas no Prata etc.

Em carta datada de 23 de janeiro de 1825 dirigida, de Lima, a Francisco de Paula Santander escreveu Bolívar: "De Olañeta não sei ainda nada; mas temo que trate de enganar-nos de acordo com o imperador do Brasil. Soube que os espanhóis se haviam posto de acordo com aquele príncipe para ligar seus interesses sob os auspícios da legitimidade. Ademais, eu sei que ao Brasil chegaram dois mil alemães e que vêm seis mil russos a suster o partido monárquico. Também parece certo que o rei de Portugal chegou a um acordo com seu filho, o príncipe do Brasil; tudo com o fim de legitimar a América Meridional. Por desgraça o Brasil limita com todos nossos estados; por conseguinte tem facilidades muitas para fazer-nos a guerra com sucesso, como o queira a Santa Aliança. De fato eu penso que será agradável a toda a aristocracia européia que o poder do príncipe do Brasil se estenda até destruir o germe da revolução. (3)

O episódio de Chiquitos causou inicialmente apreensões em Bolívar. Como se sabe após a vitória, em dez de dezembro de 1824, de Antonio José Sucre no município peruano de Ayacucho, o governador espanhol Sebastião Ramos quis colocar a província de Chiquitos sob a temporária proteção do Império do Brasil. Alimentava ele a esperança de que Madri voltasse a governar as terras de língua castelhana no Novo Mundo. Neste sentido e a mando seu, em 13 de abril de 1825, o Capitão José Maria Velasco entregou um ofício à Junta local da cidade Matogrossense de Vila Bela. A Junta em caráter condicional, acatou a proposta, mas solicitou ao Imperador a decisão defini-

tiva. O emissário que saiu de Porto Belo a 30 de abril só chegou ao Rio no dia 12 de agosto.

No dia 15 Dom Pedro I desaprovou a resolução e censurou energicamente as autoridades de Vila Bela. A nota do Chanceler brasileiro dizia: "ainda quando S. M. Imperial fora consultado previamente, como convinha, jamais daria seu imperial assenso a esta medida". (4) Conduto a própria Junta já havia anulado em 13 de maio sua resolução de 13 de abril. Em 25 de dezembro ela acusa recibo da ordem imperial. (5)

Simón Bolívar preferiu externar dúvidas sobre a possível responsabilidade de Dom Pedro I na invasão de Chiquitos. De Arequipa escreveu ele, em 25 de maio de 1825, ao Dr. Gregório Funes, sediado em Buenos Aires: "Suponho que o Sr. estará já informado da invasão que fez um oficial do Brasil à província de Chiquitos, no Alto Peru. Não tenho podido crer que esta medida tão injusta como impolítica haja sido tomada por ordem do Imperador do Brasil; porque isto seria envolver-se assim mesmo em uma imensidade de males que só a custo logramos calcular" (6). Em 1826 já estava ciente de que o Rio de Janeiro desautorizara e censurara a ação precipitada da Junta de Vila Bela. Este procedimento correto de Dom Pedro I contribuiu para um maior entendimento entre ambos.

Bolívar era profundamente contrário aos princípios políticos da Santa Aliança. Combatia tenazmente a monarquia absolutista de Fernando VII. Embora republicano confesso respeitava a monarquia constitucional. Grande era sua preocupação com a estabilidade e solidez das instituições. Neste sentido incluiu entre os dispositivos da Magna Carta que preparou para a Bolívia em 1826 a vitaliciedade do presidente e dos censores (artigos 76 e 60 respectivamente) (7) e defendeu a forma unitária de governo. Explica-se pois o apreço manifestado por Bolívar pela Constituição do Brasil de 25 de março de 1824. No seu artigo 12 estava escrito: "Todos estes poderes do Império do Brasil são delegações da nação". E Dom Pedro I se dizia Imperador do Brasil por livre aclamação do povo.

Bolívar desejava que os liberais assumissem o poder na Espanha e em Portugal. A propósito escreveu de Bogotá em 14 de outubro de 1827 a M<sup>o</sup>. de Ezeta: "Desejaria sem dúvida que se realizasse o traslado de Dom Pedro a Portugal, como já se anuncia, para que servisse de apoio aos liberais espanhóis, cuja sorte desejo ...: este projeto pode efetuar-se agora, com tanta mais probabilidade quanto que também se diz que o Brasil terminou sua guerra com Buenos Aires. Pelo que respeita

à Colômbia, asseguro-lhe que jamais teve qualquer intuito hostil contra o Imperador, pelo contrário, tem procurado manter as relações mais amigáveis como aquela corte onde reside atualmente um agente nosso. (8) De minha parte também digo que desejo manter esta mesma harmonia e que enquanto permaneça à cabeça desse governo nada se intentará contra o Brasil." (9)

As opiniões e a atuação do Governo de Londres, que Bolívar muito auscultava, concorreram para evitar ou agravar atritos entre o Brasil e o Libertador. Ele esperava o apoio do governo de Londres para a consolidação da independência da América de língua espanhola e reconhecia o papel diplomático desempenhado por ele na frustração dos planos de Madri e da Santa Aliança de impedi-la. O Reino Unido não quis o envolvimento de Bolívar nas lutas da Cisplatina e com sua mediação entre Rio de Janeiro e Buenos Aires logrou o reconhecimento por ambos governos da independência da República Oriental do Uruguai. George Canning manifestou seu apoio ao comparecimento do Brasil ao Congresso de Panamá, convocado por Simón Bolívar. (10)

O Libertador não incluiu o Brasil entre os destinatários de sua famosa circular de Lima, de sete de dezembro de 1824, pela qual convidou governos de repúblicas americanas, antes colônias espanholas, ao Congresso anfitrião de Panamá. Contudo concordou com a posterior iniciativa de Francisco de Paula Santander, presidente em exercício da Grã-Colômbia, de estender o convite ao Imperador Dom Pedro I. Cabe ressaltar que se manifestaram favoráveis à presença do Brasil entre outros o Chanceler mexicano Lucas Alamán, o presidente da Bolívia Antonio José Sucre, o Ministro do Peru Sanchez Carrión. Escreveu a propósito o ilustre diplomata e professor mexicano Cuevas Cancino: "El gobierno invitante (Peru) y los países primero invitados reaccionaron, en un punto y sobre la circular bolívariana, de idéntica manera: era imperioso incluir a Brasil". (11)

Atualmente só o Brasil conserva atas originais do Congresso de Panamá reunido de 22 de junho a 15 de julho de 1826. Já as ofereceu, em 1976, ao Governo do Panamá para que as guarde em monumento dedicado à memória do Libertador.

Vale salientar que em 1821 Portugal foi o primeiro país a reconhecer a independência da Grande Colômbia correspondente hoje às quatro repúblicas de Colômbia, Equador, Panamá e Venezuela. O então chanceler Silvestre Pinheiro Ferreira propôs para a América hispano-

-lusitana uma "Confederação das Nações". Para tal fim o governo do Rio de Janeiro enviou, em junho de 1822, seu Agente Schmidt perante o Libertador "para tratar com Sua Excelência, eficazmente, o negócio da Confederação". A credencial, dada ao Tenente-Coronel Veríssimo Antonio Ferreira da Costa, enviado simultaneamente a Buenos Aires, fala de objetivos semelhantes: remover todas as recíprocas animosidades e formar uma só Família de Estados. Do mesmo teor era o pensamento de José Bonifácio, patriarca da Independência: "O sentido comum, a política, a razão em que ela se fundamenta, e a crítica situação da América, nos estão dizendo e ensinando a quantos temos ouvido para ouvir e olhos, para ver, que uma liga ofensiva e defensiva de todos os Estados que ocupam este vastíssimo Continente, é necessária para que todos e cada um deles possa conservar intactas a liberdade e a independência, altamente ameaçadas pelas indignantes cobiças da Europa". (12)

### III – Brasileiros na epopéia Bolivariana

Na sua epopéia libertadora Simón Bolívar atraiu para junto de si latino-americanos desde o Rio Mississipi até o Cabo de Hornos. Entre eles destaca-se a presença de pelo menos cinco brasileiros: Emiliano Felipe Benício Munducru, Francisco Antonio Barreto, José Inácio de Abreu e Lima, José da Natividade Saldanha e Luís Inácio Ribeiro Roma. (13) Todos eram do Estado de Pernambuco, cenário e epicentro das revoluções libertárias de 1817 e 1824, ambas reprimidas com rigor pelo Governo Central. Vale recordar que nas primeiras décadas do século XIX numerosos jornais informavam sobre os movimentos revolucionários na América Latina. *O Tiphis Pernambucano* de Frei Caneca, citava periódicos estrangeiros como o *Times* e o *Chronicle* de Londres, o *Argos* de Buenos Aires, o *Aurora* de Montevideu, o *Guarda Nacional* de Filadélfia. Em Londres Hipólito José da Costa, brasileiro nascido no território atual do Uruguai, editou o *Correio Braziliense*. Estes jornais, cartas pessoais e viajantes tornaram conhecidos no Brasil os nomes de Simón Bolívar e de seu Precursor Francisco de Miranda.

Entre todos os brasileiros chegados a Bolívar foi José Inácio de Abreu e Lima quem mais se notabilizou. Nasceu em Recife em 1794 e faleceu em 1869. Graduou-se em artilharia, em 1816, na Academia Real Militar. Em 1817 assistiu ao fusilamento de seu pai que participou da Rebelião do mesmo ano em Pernambuco. Fugindo do Brasil demanda Filadélfia centro de conciliábulos em favor de movimentos independentistas na América.

Em 18 de fevereiro de 1819 José Inácio de Abreu e Lima escreveu Carta a Simón Bolívar, datada de Angostura, onde relata seus antecedentes e se oferece "a sacrificar-se pela independência e liberdade de Venezuela e de toda a América do Sul." (14)

Abreu e Lima foi admitido como capitão e adjunto ao Estado Maior. Propôs a criação de Academia de Matemáticas. Durante treze anos serviu na Venezuela, Colômbia, Equador e Peru. Participou das campanhas militares de Queseras del Medio, Pântano de Vargas e Boiacá. Foi ferido no Oriente e em Carabobo.

Em carta de sete de fevereiro de 1828 Bolívar escreve ao general Mariano Montilla: "Como é necessário repelir a mentira com a verdade e não temos em Maracaibo quem escreva, suplico ao Sr. que mande a De Lima refutar tudo naquele lugar, que tanto necessita de opinião e calor". Coube a Abreu e Lima, a pedido do próprio Libertador refutar as acusações, propagadas em Paris por Benjamin Constant, de que ele ambicionava para si a Coroa de Imperador. Foi assim escrito o trabalho *Resumen Histórico de la última Dictadura del Libertador Simón Bolívar Comprobada con documentos*. Ele foi publicado em 1922 no Rio de Janeiro por iniciativa de Diego Carbonell, ministro da Venezuela no Brasil. Debaixo do nome do autor encontram-se títulos seus: "general da Grã-Colômbia, Condecorado com as Cruzes de Boiacá e de Porto Cabelo e com o busto do Libertador". O livro está sendo reeditado este ano por iniciativa do "Centro Abreu e Lima de Estudios Brasileños" do Instituto de Altos Estudios de América Latina que integra a Universidade Simón Bolívar, sediada em Caracas.

O general José Antonio Paez de passagem pelo Rio de Janeiro perguntou por Abreu e Lima. A Carta deste ao ex-presidente de Venezuela proporciona dados importantes sobre a biografia do autor. (16)

Diego Carbonell, referindo-se a Abreu e Lima assim se exprime, na parte final de seu discurso "Um herói brasileiro da guerra Grã-Colômbiana de emancipação": "Nosso herói e vosso compatriota viu nascer a Colômbia, assistiu à sua infância, à sua agonia e à sua morte. Contemplou o semblante radioso do Libertador, e foi o seu secretário em Queseras; combateu a seu lado em Carabobo e admirou-lhe a arrogância sem declínio nos Campos de Boiacá; foi denominado 'guapo' pelo general Paez, para quem tal qualificativo, seria o maior elogio que se poderia fazer a um militar!... Isto é o bastante para

que a história da Grã-Colômbia o considere na falange dos libertadores..." (17)

Em 1832, já no Brasil, Abreu e Lima teve seu título de general e suas comendas reconhecidas pela Assembléia Legislativa do país.

#### IV – Conclusão

Bolívar, se não antes, certamente nos seus últimos anos de vida, manifestou grande apreço e estima pelo Brasil. Em mensagem de 15 de outubro de 1827, escreve, de Bogotá, a Sucre: "Aconselho-lhe que por todos os meios decorosos trate de obter e conservar boa harmonia com o governo brasileiro. A política o exige e o exigem os interesses de Bolívia em particular e da América em geral. Nada nos importa sua forma de governo; o que nos importa é sua amizade e está será mais estável quanto mais concentrado seja seu sistema". (18)

Ao receber Luís Souza Dias, Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário do Brasil, em Bogotá, a 30 de abril de 1830, disse o Libertador: "A missão de que vindes encarregado por parte de S. M. o imperador do Brasil, junto ao governo de Colômbia, me enche de satisfação, porque ela será um vínculo de amizade entre ambas nações. O império do Brasil, recentemente criado por seu ilustre monarca, é uma das garantias mais poderosas que tem recebido as repúblicas da América, no curso de sua independência. Dando vosso soberano e formoso exemplo de submeter-se espontaneamente à Constituição mais liberal, fez-se credor do aplauso e da admiração do mundo". (19)

O interesse pela vida e pela obra de Bolívar é uma constante na história do Brasil. Com muita propriedade disse o Prefeito da cidade do Rio de Janeiro, Marcos Tamoio, ao ensejo da inauguração de uma estátua de Bolívar, no Bairro de Botafogo, em 12 de outubro de 1978: "Ele não chega hoje, sempre esteve aqui... e muito antes da estátua, vivia na memória do povo, juntamente com o endereço escrito no bronze de uma placa de rua, no coração da jovem Copacabana..." (20) Outras estátuas do Libertador além das do Rio de Janeiro e Boa Vista avivarão seus ensinamentos em Brasília e em Recife. A Sociedade Bolivariana de longa data existente na antiga Capital surgiu este ano do bicentenário na nova Capital. Nas bibliotecas brasileiras aumenta o número de livros e artigos do Libertador e sobre ele. Tudo isto justifica a esperança de que o conhecimento do

exemplo e dos ideais de Bolívar contribuirá crescentemente para estreitar os vínculos de amizade entre os brasileiros e seus irmãos latino-americanos.

## NOTAS

- (1) Homens que fizeram época é o título de uma coleção da Editora Zahar. Incluí ela Alexandre, Richelieu, Pedro o Grande, Washington, Napoleão, Marx, Roosevelt, Bolívar etc. O trabalho de J. B. Trend *Bolívar e a independência da América Espanhola* foi publicado nesta coleção em 1965.
- (2) É oportuno a respeito o livro de Nestor dos Santos Lima *La Imagen del Brasil en las Cartas de Bolívar*, Rio de Janeiro, Banco do Brasil, 1978.
- (3) BOLIVAR, Simón. *Obras Completas*. Caracas, Ministério de la Educación Nacional, s.d. Vol. II, p. 77 "Legitimar" é usado no sentido de colocar sob o controle dos "Legitimistas", i. é. adeptos da Santa Aliança que apoiava Fernando VII.
- (4) VIEIRA DE MELLO, Arnaldo. *Bolívar, O Brasil e os nossos vizinhos do Prata. (Da questão de Chiquitos à Guerra da Cisplatina)*. Rio de Janeiro, Gráfica Olímpica Editora, 1963, p. 83.
- (5) LIMA, Nestor dos Santos. *La Imagen del Brasil en las Cartas de Bolívar*. Rio de Janeiro, Banco do Brasil (1978), p. 30-31.
- (6) BOLIVAR, Simón. *Obras Completas*. Caracas, Ministério de la Educación Nacional, s.d. vol. II, p. 142.
- (7) Texto completo da Mensagem de Bolívar e da Constituição em: SUBIETA SAGÁRNAGA, Lufs. *Bolívar y Bolívia*. Potosi, Editorial Universitária Tomás Frias, 1975, p. 117-144.
- (8) Tratava-se de Leandro Palacio. Ver CAMPOS, Raul Adalberto de. *Relações Diplomáticas do Brasil de 1808 a 1912*. Rio, Jornal do Comércio, 1913, p. 155.
- (9) BOLIVAR, Simón. *Obras Completas*. Caracas. Ministério de la Educación Nacional, s.d. vol. II, p. 698.
- (10) VELARDE, Fabian e ESCOBAR, Felipe J. *El Congreso de Panama de 1826*. Panamá, s.d. p. 52 citado por TEIXEIRA SOARES, Álvaro em conferência de 26 de junho de 1976 em Brasília, por ocasião da Sessão Come-

morativa do Sesquicentenário do Congresso Anfictiônico de Panamá, Texto datilografado, p. 3.

- (11) CUEVAS CANCINO, Francisco. *Del Congreso de Panamá a la Conferencia de Caracas 1826-1954*. Caracas, 1955, Tomo I, p. 88.
- (12) SALCEDO – BASTARDO, J. L. *Bolívar no Rio de Janeiro*. Caracas. Ministério de Información y Turismo, 1978, p. 4.
- (13) GUIMARÃES, Argec. *Brasileros en la guerra de la Independencia*. *Revista Cromos*, Bogotá, 18 (419): 130, 27-8-1924.
- (14) PEREZ VILA, Manuel. *Bolívar y su Época*. Caracas. Publicaciones de la Secretaria General de la Decima Conferencia Interamericana. Colección Historia, nº 10, Tomo I, 1953, p. 535.
- (15) BOLIVAR, Simón. *Obras Completas*. Caracas, Ministério da Educação Nacional, s.d. vol. II, p. 771.
- (16) Apareceu a carta no *Diário de Pernambuco* de 20 e 21 de maio de 1873. Encontra-se também em *Biografias de hombres notables de Hispano-America*, coleccionadas por Ramon Azpurua. Caracas, Imprensa Nacional, 1877, Tomo I, p. 427-34. Trata-se de um capítulo do livro dedicado ao procer pernambucano.
- (17) CARBONELL, Diego. "Um herói brasileiro da guerra Grã-Colombiana de emancipação". Parte introdutória ao livro: ABREU E LIMA, José Inácio. *Resumen Histórico de la Última Dictadura del Libertador Simon Bolívar*. Rio de Janeiro, O Norte, 1922, p. XXXV.
- (18) SALCEDO-BASTARDO, J. L. Prólogo ao livro de Nestor dos Santos Lima. *La imagen del Brasil en las Cartas de Bolívar*. Rio de Janeiro, Banco do Brasil, (1978), p. 10.
- (19) BOLIVAR, Simón. *Obras Completas*. Caracas. Ministério de la Educación Nacional, s. d. vol. III, p. 820.
- (20) TAMOYO, Marcos. El no llega hoy, siempre estuvo aquí. In: SALCEDO – BASTARDO, J. L. *Venezuela al Brasil. Doble Presencia Histórica para la Fraternidad y la Integración*. Caracas, Ediciones de la Presidencia de la República, 1979, p. 13.

## BIBLIOGRAFIA CITADA

1. ABREU E LIMA, José Inácio. *Resumen Histórico de la Última Dictadura del Libertador Simón Bolívar. Comprovada con documentos*. Rio de Janeiro, O Norte, 1922.

2. BOLIVAR, Simón. *Obras Completas*. Caracas, Ministério de la Educación Nacional. s.d. 3 vol.
3. CAMPOS, Raul Adalberto de. *Relações Diplomáticas do Brasil de 1808 a 1912*. Rio, Jornal do Comércio, 1913.
4. CUEVAS CANCINO, Francisco. *Del Congreso de Panamá a la Conferencia de Caracas. 1826-1954*. Caracas, 1955.
5. GUIMARÃES, Argec. *Brasileros en la guerra de la independencia*. *Revista Cromos*. Bogotá, 18 (419): 130, 27-08-1924.
6. LIMA, Nestor dos Santos. *La imagen del Brasil en las cartas de Bolívar*. Rio de Janeiro, Banco do Brasil, (1978).
7. SALCEDO BASTARDO, J. L. *Venezuela al Brasil. Doble presencia histórica para la fraternidad y la integración*. Caracas, Ediciones de la Presidencia de la República, 1979.
8. SALCEDO-BASTARDO, J. L. *Bolívar no Rio de Janeiro*. Caracas, Ministério de Información y Turismo (1979).
9. SUBIETA, Luis Sagárnata. *Bolívar y Bolívia*. Potosi, Editorial Universitaria Tomás Frias, 1975.
10. TREND, J. B. *Bolívar e a independência da América Espanhola*. Rio de Janeiro, Zahar, 1965.
11. VIEIRA DE MELLO, Arnaldo. *Bolívar, o Brasil e os nossos vizinhos do Prata (Da questão de Chiquitos à Guerra da Cisplatina)*. Rio de Janeiro, Olímpica, 1963.